

# Resenha

## **Anthropology and Nostalgia.**

Angé, Olivia, and David Berliner (eds.)

New York: Berghahn Books, 2015. 235 pp.

A modernidade possui como uma de suas chaves de compreensão a noção de movimento. No que se refere à consciência do sujeito moderno, moveu-se orientada pela bússola da razão, ferramenta de domínio da natureza e da sociedade. Já o mundo moderno é aquele que se projeta ao futuro, em oposição a uma época histórica tradicional, na qual o passado fornecia as bases de reprodução e repetição da cultura e da política.

O espírito do tempo (*Zeitgeist*) caminha a partir do presente na era moderna, presente que se desdobra como “novos tempos”, em renovação contínua em relação ao que se é. Considerando o moderno como a época que se movimenta tendo o presente como referência, cabe questionar qual o papel que o passado exerce como forma de orientação às sociedades. Refere-se ao problema da nostalgia, cuja origem do termo remonta ao grego *nostos*, “retorno ao lugar de origem”, e *algos*, que significa “dor ou tristeza” daqueles conscientes da condição irreversível daquilo que passou.

Aparece aqui a nostalgia como problema teórico das ciências sociais, discutido nas páginas de *Anthropology and Nostalgia*, livro organizado por Olivia Angé e David Berliner (2014). A obra lança uma provocação ao campo das ciências sociais: qual a relação que se estabelece entre o sentimento de nostalgia e a disciplina? Em que medida o trabalho de sociólogos e antropólogos constituem diagnósticos da perda em suas análises, tendo como referência uma época passada? Aqui, vale considerar certa inquietação suscitada pelo contraste entre o passado e o presente, a sensibilidade em face ao que se perde ou está em vias de se perder no tempo, seja pela emergência da sociedade industrial, no caso da sociologia, seja pelo contato desigual entre culturas, no caso da antropologia.

A noção de nostalgia como um anseio ou desejo pelo que está em falta em um presente transformado, inalcançável em função do caráter irreversível do tempo, atravessa discursos e práticas na era moderna. O livro propõe pensar a nostalgia com base em duas perspectivas: como atitude intelectual

subjacente aos esforços teóricos de autores clássicos da sociologia em geral e da antropologia em particular (antropologia *como* nostalgia); e como campo de investigação cuja construção aponta para um tempo e espaço específicos: o pós-socialismo no leste europeu (antropologia *da* nostalgia).

Quanto à composição, o livro está organizado em nove artigos e um posfácio. Segundo Angé e Berliner, assim como o Holocausto se tornou um paradigma para os estudos da memória, os trabalhos sobre a nostalgia estão posicionados no leste da Europa, em particular, a partir dos anos 1990, após o fim da era socialista. É a partir desse momento que se constitui, enquanto área de investigação, o que se pode chamar de uma antropologia da nostalgia. Voltados para esse contexto, os trabalhos procuram explorar o tema da nostalgia a partir de quatro pontos: 1) a multiplicidade de significados que correspondem a um leque de investimentos cognitivos e emocionais; 2) como se formam as nostalgias a partir de contextos políticos, culturais e ideológicos; 3) como a nostalgia opera em transformações sociais, isto é, a capacidade desse sentimento produzir ações e; 4) para além da relação que a nostalgia estabelece com o passado, compreende o modo pelo qual pode ser pensada dentro de outras temporalidades, isto é, articulada ao presente e ao futuro.

A questão sobre a sociologia e a antropologia no plano de suas inspirações nostálgicas chama atenção para um aspecto que permaneceu relativamente distante dos debates acadêmicos. Inscreve o problema da subjetividade do pesquisador à luz de uma temporalidade. Em termos práticos: o que esperar sobre a duração relativa das coisas criadas pelos humanos? Os trabalhos são envolvidos por uma dose de lamento, marca da modernidade e sua irresistível dinâmica de rupturas, transformações e sobreposições. No século XIX, a nostalgia deixa de ter uma conotação clínica e adquire um sentido metafórico de história como declínio, dramatização da descontinuidade ou desejo de recaptura do que a vida fora antes. A velocidade das transformações econômicas e sociais impulsionadas pelos processos de industrialização e urbanização provocava um senso de aceleração temporal, tendência capaz de acentuar a sensação de perda daquilo que se localiza no passado.

Considerando certa concepção de modernidade imbuída desse espírito, interessa perguntar se algumas teorias críticas da sociedade industrial, ao identificarem movimentos de ruptura política e cultural marcados por um senso de destituição, não estão próximas de posições nostálgicas. Aqui, vale lembrar as teorias de Durkheim, Weber, Tönnies e Simmel como

diagnósticos do moderno atravessados, cada qual em sua medida, por uma consciência de perda em relação a um modelo tradicional.

Paralelamente, os autores apontam para uma nostalgia primitivista como posicionamento de alguns antropólogos no período de fundação da disciplina. Uma preocupação particular com o desaparecimento do “outro distante” conduziu antropólogos ao esforço de restauração de culturas. Uma vez sob o impacto do contato com as sociedades europeias ocidentais, deflagram a fragilidade da cultura local e seu iminente desaparecimento em face da postura colonizadora. É o que David Berliner chama de *exonostalgia*, isto é, sentimentos ou discursos sobre a perda do outro, um traço que persiste nos dias de hoje entre antropólogos. Ao considerar trabalhos como os de Franz Boas, Bronislaw Malinowski e Evans-Pritchard, observa-se a presença de retóricas permeadas por um senso de degradação na medida em que culturas locais entram em contato com a atmosfera predominante instaurada pelo Ocidente colonizador.

Nas sociedades modernas, a cultura da nostalgia ganha corpo e se espalha a variadas dimensões da vida. As retomadas de movimentos religiosos, a indústria do turismo histórico, os nacionalismos, o consumo *vintage*, a preocupação com a restauração do ecológico correspondem a formas de se relacionar com o irreversível. Nos anos 1960 e 1970, com o crescimento das mídias de massa e das estratégias de mercado, expressões contemporâneas de nostalgia ganham espaço no cotidiano. As atenções se dirigiam a técnicas de parto natural, incorporação de comidas orgânicas na alimentação, crescimento do design “retro” e adoção de tendências que apontam para o passado na moda e no comportamento.

A nostalgia se estabelece no Ocidente em íntima relação com o indivíduo moderno. Como na definição de Fred Davis, a reação nostálgica é fruto da consciência de continuidade da identidade no contexto dos presentes medos, descontentamentos e incertezas. Constituiria, assim, uma resposta da identidade afetada pelo tumulto provocado pelos tempos acelerados.

O capítulo de abertura contém a pergunta que provoca o leitor a pensar nas bases de fundação da antropologia. Ao questionar se os antropólogos são nostálgicos (*are anthropologists nostalgist?*), Berliner parte da condição de irreversibilidade do passado para uma reflexão sobre as disposições psíquicas que orientam as etnografias e que resultam, em diferentes graus de evidência, em diagnósticos da perda cultural. Uma atenção particular ao risco de desaparecimento e, diante disso, um desejo de preservar e transmitir a cultura que está em observação.

O segundo capítulo aborda as representações do passado através de uma experiência de sobrevivência em um parque temático na Lituânia, onde os visitantes se submetem ao modelo de opressão soviético. O trabalho de Gediminas Lankadusas se concentra na “experiência de imersão” dos visitantes do parque e faz uma crítica ao paradigma da nostalgificação da Lituânia pós-soviética ao defender que as paisagens de memórias são construídas através de múltiplas referências negociadas, capazes de formar um cenário ambíguo entre a lembrança e o esquecimento. Compreende que, após um período de celebração das liberdades e tentativa de apagar o comunismo da memória, surge um curioso *revival* da época passada, na forma de trabalhos acadêmicos, artes plásticas e documentários.

Ainda no registro dos múltiplos significados da nostalgia, Schevchenko e Nadkarni’s abordam o passado e as suas diversas formas de tratamento como referência, de modo que nem todas se constituem como nostálgicas. A Rússia e a Hungria dos anos 90 formam o cenário a partir do qual as autoras empreendem uma análise conceitual, identificando certa confusão nos estudos da nostalgia. Consideram as variações de sentidos da nostalgia de acordo com os atores mobilizados por desejos de se relacionar com o passado. Ocorre, assim, um enredamento entre práticas nostálgicas e agendas políticas, o que torna o conceito de nostalgia algo relacional, produto de vínculos com a cultura e com a política dentro de contextos específicos.

Chris Hann faz uma análise comparativa do cenário pós-socialista na Hungria, tomando como referência a nostalgia da Alemanha oriental, no quarto capítulo. Levanta aspectos da história húngara que o leva a identificar uma nostalgia que se declara voltada para o período imperial, baseada em mitos capazes de representar a ideia de uma grande nação, tais como o cristianismo, a unidade linguística e a posição excepcional, na fronteira entre o oriente e o ocidente. Por outro lado, o período que corresponde ao socialismo, segunda metade do século XX, não é incorporado por essa mitologia, sendo representado publicamente como época a ser esquecida. Paradoxalmente, os habitantes, em particular os moradores de áreas rurais, declaram em âmbito privado uma nostalgia em relação ao período socialista, quando experimentaram um crescimento econômico combinado com relativas liberdades.

O capítulo cinco discute a nostalgia do ponto de vista da cultura material, em especial, o consumo e mercantilização de elementos do passado socialista. A dinâmica que reinsere objetos e imagens do passado

produz novos significados, diferentes daqueles pretendidos originalmente. Constitui formas de transmissão de conhecimentos a partir da atribuição de novos valores a velhos objetos. Segundo Jonathan Bach, ao contrário do que ocorre na Hungria, no caso germânico a nostalgia está menos associada a apropriações de partidos políticos, do mesmo modo que escapa de qualquer posição fixa, seja de afinidade ou rejeição ao socialismo.

Joseph Josy Lévy e Inaki Olazabal partem de uma passagem da Odisseia com o objetivo de introduzir a noção de “volta para casa” (*homecoming*) e suas formas de apropriação pela herança sefardi na Espanha contemporânea. Explora o legado de gerações de espanhóis judeus que tiveram que deixar sua pátria em 1942, depois da unificação do reino espanhol e conquista do reino de Granada. Para os sefardis exilados, a nostalgia possui um sentido de terra perdida, na medida em que toma a forma de anseio pelo regresso à casa. Os autores identificam as formas através das quais essa memória é reativada, entre rituais, textos históricos e novelas. Os autores investigam a persistência por parte das famílias sefardi em manter a chave da casa que seus antepassados habitaram na Espanha, um objeto arquetípico do passado, um atestado da herança ancestral, símbolo acionado por políticos espanhóis e como recurso de desenvolvimento do turismo.

O esquecimento é trazido à luz de uma análise da nostalgia no norte do Chipre, onde os conflitos de 1974 provocaram a partição do país e o deslocamento de centenas de milhares de turcos cipriotas em direção ao norte da ilha. Diante uma noção corrente de nostalgia enquanto esforço contra a irreversibilidade do tempo, Rebecca Bryant identifica a nostalgia turco cipriota como a luta pelo resgate de algo ainda a se realizar. Trata-se de uma nostalgia alimentada por um horizonte de expectativas sobre o futuro. Parte do reconhecimento da perda irrecuperável para uma representação da falta enquanto forma de definir identidades e fornecer orientações para o que virá.

Nesse sentido, uma relação ambígua ocorre nos discursos nostálgicos. Por um lado, são acionados para o esquecimento diante do irreversível; em contrapartida, definem limites e diferenças, fortalecendo identidades e valores. Para Bryant, a nostalgia aqui assume a forma de um “anseio por essencialismo”. Volta-se para certa imagem de si, a essência de uma identidade perdida capaz de dar sentido e alimentar esperanças.

No oitavo capítulo, Olivia Angé descreve aspectos das *barter fairs*, as feiras de trocas entre agricultores das planícies e pastores dos planaltos, na região dos Andes argentinos. Ao olhar para as trocas econômicas na cordilheira

argentina, observa um modelo baseado no passado dos pastores cretenses que, no entanto, não está orientado por um princípio de reciprocidade equilibrada, como acontecia em tempos remotos. Nessa feira, existe um padrão de troca caracterizado como nostálgico, uma vez estruturado em um formato do passado. Entretanto, não está necessariamente vinculado a um envolvimento afetivo, considerando que seus participantes estão mobilizados em aumentar suas recompensas. Angé faz uma distinção entre “disposições nostálgicas”, quando envolvem sentimentos, e “dispositivos discursivos nostálgicos”, referindo-se a estratégias com fins de maximizar benefícios. Ocorre, nesse sentido, uma instrumentalização econômica de experiências nostálgicas paralelamente a uma disposição afetiva voltada para o passado, o que revelaria um sentido moral, capaz de revigorar os valores ancestrais.

No plano das articulações entre a nostalgia e os anseios sobre o futuro, Petra Rethmann discute como o socialismo ainda pode lançar um horizonte imaginativo de esperanças atualmente. Uma vez pensado como ruína ou em termos de extinção, os eventos sobre o socialismo guardam um aspecto inverso ao serem pensados como sonho ou utopia a que se aspira. A partir de um evento sobre o tema, ocorrido em 2010 em Berlim, Rethmann questiona a capacidade de fornecer novos horizontes contida no socialismo. Ao analisar a nostalgia da esquerda, nota uma preocupação particular em criticar a própria esquerda a prevalecer sobre a análise das possibilidades de mudança social, por parte da intelectualidade. Tal ponto opera com a relação entre a nostalgia e a construção cultural de temporalidades.

O volume se encerra com um *afterword* de Willian Cinningham Bissel que compreende a nostalgia como fenômeno inescapável da antropologia. Se na abertura encontramos David Berliner chamando atenção para o passado da disciplina antropológica e seu fascínio em relação a disposições nostálgicas, agora Bissel convida o leitor a pensar na modernidade tardia e suas implicações para o estudo da nostalgia. Para Bissel, os antropólogos são desafiados a abordar a nostalgia não como modo de entender o passado, mas como um compromisso crítico com o presente.

O livro fornece uma grandiosa contribuição ao estudo da nostalgia, descrevendo-a alternadamente sob os mais diversos aspectos. Nostalgia como memória ou como esquecimento, como sentimento ou dispositivo de barganha, como discurso ou prática, como apego ao passado ou expectativa de futuro, como afirmação de identidade ou atividade política. O alargamento conceitual permite a abertura de questões valiosas e desafiadoras sobre os

modos de pensar e sentir um tempo que, como advertiu Georg Simmel há mais de um século, escapa cada vez mais à nossa apreensão.

Eduardo Oliveira\*

**Recebido em**  
março de 2017

**Aprovado em**  
maio de 2017

---

\* Eduardo Moura Pereira Oliveira é mestre e doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: eduardomoura@gmail.com.